



MODALIDADE DE INSCRIÇÃO: Pedagógica

CATEGORIA: 5.Práticas inovadoras em acesso a cultura e bens artísticos.

I - IDENTIFICAÇÃO

Nome: Diego da Silva Azevedo

e-mail: educadordecolonial@gmail.com

Município: Maringá

Rede de Ensino: Rede Municipal de Maringá - SEDUC.

Unidade Escolar: CMEI Alexandre e Sophia Rasgulaeff.

Turma/classe de desenvolvimento do projeto: Infantil 3.

II – RESUMO

O projeto “Semana da valorização negra - Homenagem a Dandara”¹ ocorreu na semana do dia 20 de novembro de 2022, com foco em promover uma nova perspectiva sobre a história, cultura e pertencimento do povo afro-brasileiro, relacionando os campos de experiência propostos pela BNCC “O eu, o outro e o nós” e “Corpo gesto e

¹ A princípio opto por utilizar o termo valorização negra, por questionar e tensionar o racismo sutil existente na frase “Consciência negra”. Negros já são dotados de consciência desde que foram reconhecidos enquanto povos originários e berço do mundo. A tentativa de apagar essa consciência, cultura, história e epistemologia veio do povo branco, europeu e burguês ao se colocarem como superiores aos demais durante o processo decorrente da colonização e colonialismo. Para isso, é importante reforçarmos que vamos valorizar a cultura, história e conhecimento afrodiaspórico do povo fardado de melanina.

movimento”. O projeto foi elaborado com aulas de em média 1 h e 30 min para as crianças de 3 e 4 anos do infantil 3H e 3G na qual, de forma lúdica e horizontal, buscamos conversar sobre o racismo, a resistência e os patrimônios culturais que foram herdados dos povos africanos. As atividades envolveram cerca de 50 crianças nas aulas de forma direta, e uma média de 300 sujeitos presentes no dia do desfile final, que tiveram as suas percepções a respeito da história, cultura e identidades ampliadas para uma concepção afrocentrada.

Palavras-chaves: Educação Infantil. África. Cultura. Arte. Valorização Negra. Cultura. Arte.

III – JUSTIFICATIVA

A proposição desse projeto advém da necessidade de valorizar a história, cultura e epistemologia dos povos fardados de melanina, que vem sendo apagada desde o período escravista. Esse processo gera uma falsa democracia racial, que engendra no subconsciente um racismo estrutural e quase imperceptível. A respeito deste conceito, Andressa Laís Moreira Fernandes e Vagner Gomes Bijagó entendem que:

“o racismo estrutural produz e reproduz uma lógica perversa de uma falsa harmonia social, sustentada pela ideia que o fato de pessoas de diferentes etnias conviverem em um mesmo território, possuírem relações comerciais, econômicas, políticas e afetivas configurariam uma “democracia racial”, onde esses mesmos gozam da igualdade de direitos que garante efetivamente o acesso aos recursos financeiros, educacionais, emocionais, entre outros.” (FERNANDES; BIJAGÓ, 2020, P.56)

O grande emaranhado do racismo estrutural está em fazer parecer que há uma igualdade de direitos, quando, na verdade, é possível constatar que na estrutura da sociedade essa igualdade não se apresenta, pois sujeitos de diferentes cores são tratados, estruturalmente, de modos diferentes a partir das leituras culturais que são feitas a respeito de suas peles. Partindo desse princípio, é importante reconhecer que a escola e o currículo escolar estão em um espaço de disputa de narrativas e que também estão a mercê dessa estrutura racista e opressora, da mesma forma os sujeitos de diferentes cores presentes dentro dela são afetados pelo racismo e acabam reproduzindo algumas mazelas de forma inconsciente. Tal situação não está distante da educação infantil, tendo em vista que o racismo estrutural, produz e mantém uma percepção, a respeito de seres humanos, que inferioriza o povo negro no âmbito imagético e social.

A professora Anete Abramowicz, especialista em infância, gênero e relações raciais, discorre a respeito da infância e do espaço escolar, propondo formas de se direcionar o olhar para estas. Em *Infância, raça e paparicação* (2010), as autoras Abramowicz e Fabiana de Oliveira tratam a respeito da percepção das diferenças na escola:

(...) a escola brasileira funda-se na ideia de escola única e igual para todos, mantendo, de forma oculta, uma ética de indiferença em relação às diferenças, já que a convicção na qual ela se apoia é a de ser indiferente aos territórios, à cultura de origem das famílias, ou seja, há uma indiferença ao outro como fundamento da escola.(OLIVEIRA E ABRAMOWICZ, 2010, p. 214)

Esta mesma escola que traz a indiferença ao outro está localizada em um cenário que também é composto, e afetado e, sugiro, intensificado, pelo racismo estrutural. Portanto, é possível perceber o racismo nas pequenas diferenças de tratamento entre as crianças e os/as docentes em sala de aula: as crianças negras geralmente são deixadas de lado quando se trata de cuidados, afetos e interação com as outras crianças, e/ou quando não são rotulados como as mais “bagunceiras e descuidadas” sofrendo assim uma negligência no que tange o cuidado, o afeto e o aumento da autoestima.

Uma outra postura racista também é possível de ser apontada na maneira como as epistemologias, culturas, histórias e bens artísticos afrodiaspóricos são apagados e negligenciados dentro da escola, encaminhando as crianças ao acesso de somente uma vertente de conhecer, existir e criar no mundo. É constantemente reforçado no subconsciente do sujeito um padrão hegemônico branco e eurocêntrico de se ver o mundo através dos desenhos, filmes, literaturas e atividades que contemplam somente corpos brancos e majoritariamente as vivências europeias ignorando a possibilidade de outras culturas, subjetividades, repertórios imagéticos, raízes e epistemologias.

Durante o ano foi perceptível que o referencial imagético das turmas ao representar em seus desenhos eram de crianças loiras, cabelos lisos e pele da cor salmão, ora nas histórias que contavam sendo somente os clássicos europeus como; chapeuzinho vermelho, branca de neve e cachinhos dourados. Tais posturas impactam diretamente a percepção das próprias crianças sobre si, seus corpos, suas identidades e origens, inseridas em uma realidade de genealogias europeias e diferença de tratamento Abramowicz e Oliveira (2010) reiteram que:

(...) as crianças negras vivem diversas experiências que as levam a constituir uma autoimagem negativa. Os dados obtidos pela autora

mostram que há um tratamento diferenciado em relação às crianças negras e brancas, baseado em uma linguagem não-verbal, por meio de atitudes, gestos e tons de voz que reforçam o racismo e a rejeição por parte das crianças negras em relação ao seu pertencimento racial (...) (ABRAMOWICZ E OLIVEIRA, 2010, p. 221)

Baseando nesse emaranhado de questionamentos e tensionamentos que decidi propor o projeto “Semana da valorização negra - Homenagem a Dandara” para que pudéssemos resgatar as raízes afrodiaspóricas e valorizar o conhecimento e beleza envolvidos no povo preto. Esse projeto, para além do seu viés pedagógico, também vem como tensionamento para a aplicabilidade da lei 10.639 que é voltada para o ensino de história e cultura afro-brasileira para o ensino fundamental e médio, bem como a inserção do dia 20 de novembro, dia da consciência negra, no calendário escolar. Lei essa, que de forma categórica exclui a necessidade desse ensino para a Educação infantil, o berço de formação de muitos conceitos, percepções, sentimentos e repertórios imagéticos dos nossos alunos.

Por fim, é importante frisar que o currículo maringaense de educação, em relação ao ensino da educação infantil nos apresenta que:

A criança desde o seu nascimento deve ser reconhecida como um sujeito histórico e de direitos. Na condição de sujeito histórico, a criança se desenvolve como resultado de aprendizagens decorrentes da apropriação da cultura produzida pelos seres humanos. Na condição de sujeito de direitos, a aprendizagem e o desenvolvimento devem ser-lhe assegurados, considerando suas dimensões físicas, sociais, afetivas e intelectuais. (MARINGÁ, 2019, p.61)

Logo, possibilitar para essas crianças um resgate do patrimônio cultural e histórico afrocentrado é adiantar-se nas questões psicológicas e emocionais que o racismo estrutural produz, buscando propiciar um mundo melhor abordando um desenvolvimento humanizado e igualitário a todos desde a primeira infância. Portanto, é de extrema importância a elaboração e aplicação frequente, não somente no dia da consciência negra, de projetos que evidenciem outras formas de se ver e existir no mundo rompendo com o padrão hegemônico europeu que é instaurado para os nossos pequenos durante todo o ano.

IV – NOME DA PRÁTICA

Brincando na Ancestralidade

V – OBJETIVO

- Resgatar e valorizar a trajetória dos povos negros e suas múltiplas formas de cultura que vieram do continente africano.
- Ampliar e evidenciar a ampla gama cultural, artística e epistemológica que esse povo inseriu na história brasileira.
- Perceber o próprio corpo e o do outro no que diz respeito às semelhanças, individualidades e diversidades de pele, cabelo, olhos, nariz e etc.

VI – TEMPO DE DURAÇÃO

5 aulas de 1h30 cada com atividades de em média 30 min de duração.

VII – RECURSOS UTILIZADOS

- Televisão
- Tecidos
- Tinta
- Pincel
- Instrumentos musicais
- Revistas
- Cola
- Tesoura
- Cartolina
- Kraft
- Espelho
- Sulfite

VIII – AÇÕES METODOLÓGICAS

AULA 1: O que é racismo? Que Cor De Pele?

- Foi apresentada na sala de aula, com auxílio de uma televisão, a obra de arte Crystal Cook de uma pintora sul-africana disponível em: <https://deniseludwig.blogspot.com/2012/10/a-arte-nas-pinturas-com-criancas.html>.
- Em seguida realizamos uma roda de conversa sobre o que as crianças acharam e visualizaram. Qual a cor de pele dessa criança? O que será que ela está usando? Como é o cabelo? Quem é a autora ou autor?

- Em seguida, foi apresentado o vídeo: Que corpo é esse? - Lápis cor da pele disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1240ELvbZWg> para que pudéssemos questionar sobre as diferenças de tons de pele, cabelos e iniciar a conversa a respeito do racismo e o dia da consciência negra. Também foi instigado para as crianças se observarem no espelho da sala de aula para que pudessem perceber as suas diferenças.
- Por fim, realizamos a confecção de cartaz coletivo sobre as diferentes cores de pele (com foco na pele negra) utilizando recortes e colagem das imagens de pessoas negras e a confecção de um autorretrato usando giz de cera e materiais diversos como cola, tinta, crepom entre outros.



Figura 1 (Foto do acervo pessoal)



Figura 2 (Foto do acervo pessoal)

AULA 2: Como cheguei aqui? Quem lutou por mim?

- Realizamos uma roda de conversa para relembrar a respeito da aula anterior, e também a história dos negros no Brasil apresentando o contexto que eles foram trazidos para o Brasil, seu país de origem e cultura, na qual explorei uma contação de história sobre os navios negreiros, as senzalas e a vida dos escravizados.

- Em seguida, apresentei que esse grupo de pessoas resistiu através de uma grande luta e com muitos guerreiros(as) aqui do Brasil. Juntamente disponibilizei a história da Dandara com o vídeo “mulheres fantásticas- Dandara” disponível em:
https://www.youtube.com/results?sp=mAEB&search_query=Mulheres+fantasticas+ e como tivemos muita curiosidade exploramos outras personalidades negras disponíveis no mesmo acervo de vídeos do youtube.
- Após uma roda de conversa sobre essas personalidades negras e suas resistências para a construção de um Brasil igual para uma população diversa, enfatizamos que todos temos direito de ser diferentes, que devemos respeitar as diferenças e que isso nos faz importantes e únicos.
- Por fim, brincamos com a música “dan dan da ra” na qual exploramos diversos movimentos corporais como, batidas de palmas e batida de pés seguindo o ritmo das sílabas.

Dandara Dan, Dan dara dara Dan, Dan, dara dara Dan Dan dara.

AULA 3: Que roupa usar? Quantas cores.

- Com as crianças em círculo realizamos a contação da história “Bruna e a galinha d’Angola de Gercilga d’ Almeida” e fizemos uma roda de conversa sobre as influências culturais da África no Brasil em relação às nossas roupas e tecidos enfatizando as cores que estão presente na cultura Africana e apresentando alguns modelos de roupas.
- Posteriormente, convidei as crianças a experimentar como Bruna e suas amigas a confecção de tecidos individuais utilizando tintas coloridas e carimbos de folhas e outros elementos.
- Por fim, brincamos de caça ao tesouro no parque com a palavra "Mambembe" para designar que estamos perto do tesouro na qual utilizei alguns brinquedos como tesouros.



Figura 3 e 4. (Foto do acervo pessoal)

AULA 4: No ritmo do batuque eu vou dançar.

- Apresentei, através de vídeos, diversos materiais culturais como músicas e danças de vertentes africanas por exemplo: Canção africana - Olélé Moliba Makasi e Tambores Africanos - Tambores Ancestrais
- Em seguida, levantei indagações sobre quais instrumentos podem ser usados nas percussões trazidas pelos africanos e posteriormente realizamos uma pesquisa sobre os instrumentos que possam existir na África e no Brasil que são semelhantes como atabaques, agogô, xquerê e berimbau e disponibilizar alguns desses instrumentos para eles pudessem explorar.
- Por fim, dando sequência, liberei o espaço da sala para que os mesmos aproveitem e sintam os ritmos no corpo experimentando o balanço dos braços, cabeça, pernas e quadril para propiciar uma brincadeira mais expressiva.

Aula 5: **Desfile**

- Organizei o gramado externo do CMEI com diversos tecidos para montar uma passarela para a realização de um grande desfile acompanhado de músicas como: África - Palavra cantada, Menina pretinha - MC Sofia, Eu vou abrir meu congo - Fli flai, entre outras.
- Por fim, convidei as crianças de todo o CMEI, enfatizando-as de pele com mais presença de melanina, a desfilar utilizando diversos tecidos, roupas e acessórios (colares e pulseiras) que remetessem à cultura e história Africana. Durante o

desfile, o professor mediador reforçou a respeito da beleza negra, os eventos que esse povo passou e a cultura que enraizou no nosso país.



Figura 5. (Foto do acervo pessoal)



Figura 6. (Foto do acervo pessoal)

IX – AVALIAÇÃO

Para a avaliação desse projeto foi necessário que ocorresse de forma contínua, analisando os conhecimentos que as crianças trouxeram previamente para que fossem comparados após os materiais audiovisuais, histórias, brincadeiras e atividades de registro como: cartazes coletivo e artes individuais. Possibilitando perceber de que forma esses conteúdos e temas impactaram e expandiram os saberes dessas crianças em relação a respeito, diversidade, individualidade, história e cultura africana.

X – RESULTADOS OBTIDOS

Foi observável durante o processo a ampliação racial das crianças através do reconhecimento, identificação e aceitação da sua cor de pele, também a ampliação de conhecimento a respeito da cultura e origem dos povos africanos e afro-brasileiros. Para

além, percebemos uma mudança nas turmas no que diz respeito à segregação que existia entre as crianças negras e brancas durante as brincadeiras.

XI – REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete e OLIVEIRA, Fabiana de. Infância, raça e participação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte. v.26, n.02, p.209-226, ago. 2010.

FERNANDES, A. L. M, BIJAGÓ, V. G. Racismo estrutural na educação infantil: experiência em uma creche no município de Paulo Afonso-ba. **Revista de Ciências Humanas CAETÉ**. V2. N°3, p. 55-74, 2020.

GLOBO, TV. **Mulheres Fantásticas | Dandara**. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HsmvQHKrTK0>. Acesso em: 02, out. 2023.

LIVREMENTE. Canção africana para crianças - Olélé Moliba Makasi. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LBb4xM--juY>. Acesso em: 02, out. 2023.

MARINGÁ, Secretaria Municipal de Educação. **Currículo para a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Maringá: SEDUC, 2019. disponível em: <http://www.maringa.pr.gov.br/cdn-imprensa/curriculo-maringa-final-20200922-on-line.pdf>. Acesso em: 02, out, 2023.